

Camila Coelho

Instituto Politécnico Leiria (ESE Ciências Sociais)

Tradução e Interpretação de Português/Chinês-Chinês/Português (4.º ano)

Livro: Querida Ijeawele - Como Educar para o Feminismo, C. Ngozi Adichie

Ser Mulher

Dois segundos depois de ter nascido, já as pessoas me conheciam. Sabiam que eu ia ter o cabelo comprido, pintar as unhas e não ter pelos nas pernas. Sabiam que ia gostar do cor-de-rosa e que não iria gostar de futebol. Sabiam que eu me ia levantar no final do almoço de família para levantar os pratos e lavar a louça. Sabiam que me iam oferecer bonecas e livros e que eu ia adorar estes presentes.

Ser Mulher com um irmão faz com que tudo seja mais fácil de ver, mais claro de se notar. O meu irmão não tem que ficar a arrumar a mesa no final de jantar. O meu irmão não tem de parar de comer ao segundo prato. Ao meu irmão não questionam se ele já tem namorado. Ao meu irmão fica bem uma monossobrancelha. O meu irmão não tem de ter o quarto limpo e arrumado. Não é surpreendente se o meu irmão usar sempre roupas largas. O meu irmão não tem de ter as costas direitas.

Fui adolescente até muito tarde, deixei-me levar pela inocência e pelo privilégio, sem nunca questionar muito mais do que me deixavam questionar. Deixava os outros fazer comigo o que quisessem, porque não tinha noção do meu potencial. Não me conhecia. Ou se calhar não tinha personalidade. Nunca cheguei a explorar os infinitos da minha mente, as curvas do meu corpo, até porque, ao mesmo tempo que eu negava tudo de bom que tinha, deixei que os outros fizessem isso por mim. Inconscientemente, deixava que as opiniões que os outros tinham de mim me definisse e também controlava os movimentos do meu corpo, para que não sugerisse sedução e fosse alvo de comentários ou pensamentos perversos. O meu corpo foi-se desenvolvendo sem eu acompanhar, mas os outros já estavam prontos para o receber. Sempre fui uma personagem secundária da história de alguém, nunca a estrela do cinema - ninguém pagaria para ver o filme da minha vida. Opinava bastante alto para não duvidarem do que dizia. Só quando não tinha para onde ir, nem ninguém com quem falar é que comecei a falar comigo própria. Tivemos conversas sérias sobre caracóis do cabelo, sexualidades indiscutíveis, bandas preferidas, companhias de sábados à tarde, familiares distantes. Questionei tudo o que tinha como seguro. Foram conversas difíceis, desconfortáveis, mas necessárias. Perguntei-me quem era, o que queria, se estava bem onde estava. Encontrei um conforto ainda maior e mais

perigoso em estar sozinha. Conheci-me como nunca conheci ninguém, e passei a amar-me como ninguém me amará. Aprendi a controlar emoções e impulsos, sei quem sou, seja a que horas quiser saber. Consigo definir a preto carregado a minha linha de conforto, e fui construindo pontes para dar um giro de vez em quando. Já sei o que quero e sei como o ter.

Foi a escrever nesta secretária, virada para uma parede branca pintada de sonhos com vista para a casa da avó, que esta coisa de ser Mulher se tornou ainda mais clara. Através das pesquisas que fui fazendo, os documentários que fui vendo, os livros que fui lendo, tudo ficou mais transparente e fiquei mais esclarecida quanto ao mundo. Sair de casa deu-me a esperança de uma Mulher independente e forte e espaço para seguir por diferentes caminhos, mas quando dei por mim de volta ao quarto do número 126, onde fui criança e adolescente, com todas as memórias escritas pelas paredes e as pessoas que não se esquecem de quem fui, é que tive a força para crescer e explorar estes novos limites que descobri em mim. Para ser quem nunca fui.